

A (re) construção de uma identidade goiana após o acidente com o Césio 137

Keides Batista Vicente *

Como todo processo comemorativo, o mês de setembro do ano de 2008 cumpriu seu papel de lembrar o acidente com o elemento radioativo césio 137 em Goiânia no ano de 1987. Comemoração realizada por grupos ambientalistas, sociedade, imprensa e políticos de forma peculiar, ora como processo de não esquecimento das vítimas e das dificuldades enfrentadas pelo Estado de Goiás, em especial sua capital Goiânia – centro de referência econômica, social e política; ora como exemplo frente às rediscussões do Governo Federal ao que tange a política nuclear no país. Mas um ponto não pode ser desvinculado: o retorno às diversas imagens físicas e simbólicas criadas no passado vivido - 1987 - e recriadas no presente de rememoração ou mesmo comemoração.

Esta dualidade entre rememoração e comemoração, pode ser percebida a partir do aspecto político que media as relações no Estado de Goiás, isto é, rememorar para que as vítimas não sejam esquecidas, comemorar como aspecto de sobrevivência das mesmas e ainda como reorganização da imagem do Estado bem como a superação frente à crise pós-césio 137. Relação esta percebida pelas dificuldades enfrentadas no período pós-acidente, traduzidas em violência física e psicológica, incertezas e a consciência da fragilidade dos órgãos responsáveis e da organização política estatal.

Neste sentido, esta proposta consiste em tentativa de avançar nos estudos sobre *identidades e imaginário* goiano em sua relação aos conceitos elaborados historicamente em Goiás de *moderno e modernidade* referenciados nos aspectos econômicos, sociais e mesmos arquitetônicos em oposição ao *atraso*.

O interesse pelo tema originou-se a partir de uma dupla constatação: acreditamos que o acidente com o césio 137 e suas conseqüências acarretaram, para a população goiana, uma crise identitária, sentimentos de exclusão, ruptura de uma tentativa histórica, então em curso, de inclusão nos moldes de *desenvolvimento e organização nacional* iniciados após as políticas de 1930 e a construção de Goiânia, reconhecida como *moderna*, imagem descaracterizada com o brutal acidente radiativo; observamos que o conceito de *moderno e inclusão a nação* esta veiculada no discurso político, social e imprensa até 1987, tendo como paradigma o

* Graduação em História – UFG Catalão – GO. Especialista em História do Brasil – UFG Catalão – GO. Mestre em História Social – UFU.

acidente com a cápsula do céσιο 137, a poucos metros do centro da cidade de Goiânia, e consequentemente centro do poder político municipal e estadual.

A imagem de Goiânia é elaborada física e simbolicamente como *moderna* em uma política de contraposição ao *atraso* representado pelos moldes políticos oligárquicos e estruturais de urbanização, defendidos por Pedro Ludovico Teixeira e seus pares políticos, usando o discurso de interiorização e inserção do Estado aos moldes nacionais: economia, política e sociedade. É reconhecida como a nova cidade representante da *interiorização orientada a partir da Marcha para o Oeste* e elaborada no discurso político e social do estado como o marco que *expressava a modernidade e o progresso*¹.

A partir desses aspectos, e para a realização e aceitação da transferência da capital, além dos argumentos de *decadência e atraso*, o termo *necrópole* é usado por Pedro Ludovico ao referir a Vila Boa, reconhecida como cidade doente que levava o Estado a estagnação e mesmo ao atraso econômico e político. Nos embates políticos sobre as dualidades futuro-passado, moderno-tradicional, novo-velho, progresso-atraso travados nos anos de 1930 em Goiás, Goiânia se torna a materialização simbólica dos sentidos positivos contidos nos termos futuro, moderno, novo e progresso, ou mesmo a representação da *esperança*.

Tendo em vista essa modernização cujo símbolo de materialização é a cidade, alguns estudos procuram explicar as transformações sociais, políticas e econômicas em Goiás após a década de 1930. Cria-se, então, a tese da expansão da economia capitalista no Brasil para explicar os crescimentos regionais com níveis diferenciados de acumulação; e dessa tese derivam os termos moderno e atrasado para diferenciar os diversos pólos econômicos. As regiões reconhecidas como atrasadas foram incorporadas aos pólos economicamente hegemônicos, denominadas áreas periféricas do capital — onde, segundo estudos da época, Goiás se enquadrava.

Outra vertente de definição moderna para Goiás se refere ao aspecto arquitetônico de Goiânia. Como dissemos, a cidade surge no imaginário dos goianos como materialização simbólica da modernidade e do Estado, e a arquitetura e a urbanização são os exemplos desse processo, percebidas na divisão espacial e na construção de praças, ruas, prédios e monumentos. Em *Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia, 1933 a 1950 — 1950 a 1964*, Márcia M. de Mello analisa

¹ CHAUL, Nars Fayad. *Caminhos de Goiás – da construção da decadência aos limites da modernidade*. 2º ed. Goiânia: ed. Da UFG, 2001. p. 229.

a arquitetura em dois períodos distintos.² O primeiro começa em 1933 e finda em 1950, período em que começa a modernização do estado. Como justificativa para esse primeiro fluxo, aponta a influência do moderno no Brasil e sua formação em Goiás, as condicionantes históricas da mudança da capital, o plano Atílio de Correia Lima, o plano de Armando de Godoi, afirma Coimbra e Bueno, a Arquitetura deco, bem como as residências coloniais e normandas. O segundo fluxo compreende o período 1950–1964, justificado pela manifestação e consolidação do modernismo em Goiânia na arquitetura da cidade.

Nestes aspectos segundo Duby³ a reflexão sobre a história de um povo pode ser analisada a partir de imagens construídas por estes sobre sua história, e conclui

... a visão que uma sociedade forma de seu destino, o sentido que ela atribui, corretamente ou erroneamente, à sua própria história intervém como uma das armas mais poderosas das forças de conservação ou de progresso, (...), um dos sustentáculos, entre os mais decisivos, de uma vontade de salvar ou de destruir valores...

Este sentido, de que nos fala o autor, pode ser compreendido nas construções históricas das cidades e sua relação com os vários conceitos elaborados como significados e símbolos para este espaço. Neste aspecto, Goiânia não é só um espaço *desenvolvido*; também se inclui na perspectiva de modernidade nacional, pois acompanha as tendências que o país recebe e as materializa em suas construções. É moderna por ser planejada e ter localização estratégica no estado; porque o Estado está integrado ao expansionismo econômico das teses do início do século XX; e porque sua arquitetura integra e acompanha o que é apresentado ao país como *moderno*. Em sua organização espacial e construção arquitetônica, Goiânia carrega a representação de poder e autonomia do estado. Imagens elaboradas pelas relações do espaço físico com os passantes reafirmam o olhar moderno e a concepção dos goianos de modernidade.

No entanto, as várias imagens construídas em torno da cidade de Goiânia como representante da modernidade, do novo, progresso, futuro e esperança sofrem um abalo causado pelo acidente com o césio 137 em Goiânia no ano de 1987. Ocorrendo então uma revisão das imagens positivas elaboradas em torno da cidade, da política, da inserção da economia e sociedade goianiense e goiana aos moldes nacionais.

² MELLO, Márcia M. de **Moderno e modernismo**: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia, 1933 a 1950 — 1950 a 1964. 1996. Dissertação (mestrado em Arquitetura) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo.

³ DUBY, Georges. *A história dos sistemas de valores*. In: Idade Média, Idade dos Homens. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 142.

Estas imagens são revistas e reconstruídas no imaginário local, na imprensa e no discurso político dos representantes da cidade, estado e país. Percebidas de forma oposta as primeiras imagens elaboradas no pós 1930, entre elas a imagem de interiorização, que com a construção de Goiânia representaria a aceitação e participação no sertão em oposição ao litoral – como exemplo, a praça com a imagem do Bandeirante, de costas para o mar, avançar e conquistar o interior, o sertão - com o acidente Goiânia é revista em oposição ao restante ao país, de forma discriminatória e excludente nos aspectos econômicos, sociais e cultural.

Nesse período, os moradores da cidade passaram por um processo de medo e discriminação: em visitas a outras partes do país necessitavam portar um documento emitido pela Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) certificador de que eles não estavam contaminados pela radiação. Se o certificado possibilitou a estudantes do curso de Artes da Universidade Federal de Goiás (UFG) a visita à Bienal de São Paulo de 1987, sua falta impediu um adolescente de 14 anos de entrar num estádio de Curitiba (PR) *por ser goiano*.⁴ No início dos anos 1990, 22 pessoas que representavam as vítimas do acidente radiológico que participariam da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento — a Eco 92, no Rio de Janeiro — foram barradas em um hotel porque outros hóspedes não aceitaram a presença de *radioafetados*.⁵ Tinha-se, assim, um termômetro da repercussão do acidente, do número de afetados e das seqüelas provocadas pelo contato com o césio 137.⁶

A cápsula de césio foi encontrada numa clínica radiológica desativada no centro — hoje um centro de convenções —, próxima à Praça Cívica, onde ficam os governos estadual e o municipal, e levada a um ferro-velho nas imediações, onde foi aberta. A proximidade com o centro, a repercussão, os transtornos e a falta de organização na solução dos problemas resultantes do acidente desqualificaram Goiânia e Goiás. As vítimas sofreram ferimentos físicos e, também, psicológicos, em virtude de manifestações discriminatórias contra moradores das imediações do acidente, vítimas diretas (com xingamentos e até apedrejamento do caixão de uma delas), parentes das vítimas e pessoas envolvidas na defesa e nos cuidados médicos (policiais designados para isolar a região, funcionários estaduais do Centro de

⁴ Informações veiculadas na edição de 28 de setembro de 2002 do diário *O Popular*, quando foram analisados os efeitos do acidente radiológico após 15 anos.

⁵ Termo usado pela Comissão Nacional de Energia Nuclear para designar as pessoas que tiveram contato e foram contaminadas pelo efeito radioativo do césio 137.

⁶ *O Popular*, Goiânia, 28 de setembro de 2002.

Energia Nuclear e profissionais que cuidavam das vítimas). Havia um medo constante e desinformação.

Assim, imagem de Goiânia, cidade da *esperança*, é reorganizada agora como o espaço do medo das incertezas. O discurso usado para justificar a transferência da capital de *necrópole* e *cidade doente* agora é usado pelo restante do país como justificativa para um processo de discriminação e isolamento de Goiânia.

Na cidade, a falta de informação sobre o acidente e o despreparo dos órgãos responsáveis proporcionaram a construção da imagem de terror, percebido como conflito social e político grave, tendo a imagem da Polícia Militar relacionada à situação de guerra. Uma guerra contra o desconhecido, a discriminação nacional, as incertezas e principalmente ao medo.

Posto isso, as imagens elaboradas pelos goianienses e goianos frente ao acidente e as conseqüências pós-césio 137, tendo como referência as informações repassadas pelos meios de comunicação, o discurso político ou mesmo a falta de informação produziram uma crise identitária elaborada e justificada historicamente, uma crise nos conceitos produzidos, aceitos e positivados ao longo dos anos. Isto desencadeia, como afirma Ansart, *A dimensão essencial de toda a sociedade é a constituição e renovação de um imaginário coletivo, através do qual a comunidade aponta a sua identidade, as suas aspirações e as linhas gerais de sua organização*⁷.

No entanto, muitas indagações permanecem: como foi e estão sendo reconstruídas as imagens simbólicas e representações do conceito de *modernidade* da cidade de Goiânia e do Estado de Goiás em três períodos – início da década de 1980; em meio aos debates e incertezas do acidente com o césio 137 e o último pós acidente? Como a imprensa goiana, por meio de reportagens, imagens e frequência ou não nas publicações organizam e influenciam o imaginário goiano que refere ao acidente com o césio 137? Como os políticos goianos organizam o discurso frente ao conceito de *modernidade* e ao acidente e suas conseqüências? Quais os temas e preocupações que tal acidente despertou e influenciou na produção do conhecimento científico, em especial o historiográfico, produzido na Universidade Federal de Goiás e Universidade Católica de Goiás? Quais as imagens e símbolos que o arquivo da Superintendência Leide das Neves procuram elaborar no imaginário das pessoas que tem acesso?

⁷ ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. 9.13.

O que nos leva as considerações de Bourdieu⁸ ao discutir a *percepção do mundo social e a luta política* como mecanismos de orientações do poder simbólico,

A teoria mais acentuadamente objectivista tem de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também, do modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção da visão desse mundo e, assim, para a própria construção desse mundo, por meio do trabalho de representação (em todos os sentidos) que continuamente realizam para imporem a sua visão da sua identidade social.

Diante da percepção de representação e construção de uma perspectiva de mundo e consequentemente identidade propomo-nos iniciar a pesquisa pelo período anterior ao acidente, às produções discursivas da imprensa e dos políticos goianos, frente ao conceito de *modernidade* e a relação de Goiânia com tal conceito. Interesse posteriormente voltado ao tema acima referido, produzida durante o acidente e pós-acidente com o césio 137. Propomos-nos pesquisar e discutir as produções científica, em especial as historiográficas elaboradas por pesquisadores vinculados a Universidade Federal de Goiás e Universidade Católica de Goiás, por acreditarmos serem instituições formadoras do conhecimento científico em Goiás. E finalmente o levantamento, organização e acesso ao arquivo produzido pela Superintendência Leide das Neves, percebida como um processo de resistência e organização de um imaginário goiano frente ao acidente e suas conseqüências diretas.

⁸ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p.139.